

**Karen Armstrong**, *Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), 460 pp. Traduzido por Marcos Santarrita do original em inglês *A History of God: The 4000 Year Quest of Judaism, Christianity and Islam* (1993).

Por trás do título provocativo, encontramos em *Uma História de Deus* um relato introdutório da história do monoteísmo, isto é, das concepções de Deus das três grandes religiões históricas e monoteístas do Ocidente, em diferentes épocas. Este novo sucesso editorial internacional (que mais uma vez demonstra o grande interesse do público pelo assunto) possui onze capítulos habilmente organizados numa arquitetura de contraposições.

No primeiro capítulo, Armstrong apresenta-nos um resumo popularizado das idéias provenientes das chamadas ciências da religião sobre as origens da concepção humana de Deus, e utiliza as noções mais populares da alta crítica para relacionar textos bíblicos com idéias religiosas politeístas provenientes de culturas vizinhas a Israel. Armstrong nos oferece uma colorida interpretação do Pentateuco em que passagens de diferentes épocas são contrastadas para demonstrar a evolução da concepção humana do Deus único. No segundo capítulo, é invocada a chamada "era axial": o período em que, por todo o mundo, as religiões conjuntamente chegaram à compreensão da existência do elemento transcendente da essência humana. Armstrong sugere que o profetismo hebreu é mais um exemplo dessa compreensão universal. O terceiro capítulo fala das transformações ocorridas no princípio da chamada "era cristã." O quarto capítulo contém uma análise histórico-teológica do trinitarianismo, e a ele se contrapõe o capítulo cinco, que faz um relato do aparecimento da fé islâmica unitarianista. Os capítulos seis e sete trazem mais uma famosa contraposição: a concepção de Deus dos filósofos medievais versus a concepção de Deus dos místicos medievais. Uma análise da Reforma Protestante forma o capítulo oito, contraposta por uma análise igualmente reveladora do movimento iluminista no capítulo nove. O décimo capítulo traz um brevíssimo relato bastante caricaturizado da teologia contemporânea, enfatizando a chamada "teologia secularista" do pós-guerra e culminando com a teologia da morte de Deus, movimento pelo qual a autora revela grande simpatia. O último capítulo contrapõe-se ao penúltimo ao propor alternativas para a reflexão teológica contemporânea – não alternativas que neguem a "morte de Deus," isto é, a morte das concepções tradicionais do ser de Deus, nem que neguem os caminhos da teologia pós-iluminista, mas que superem os becos-sem-saída e a suposta esterilidade do teísmo contemporâneo por meio de uma visão pós-moderna inclusivista e mística, os principais componentes da piedade heterodoxa de Karen Armstrong.

Uma das características fundamentais do novo teísmo que Armstrong busca é a impessoalidade de Deus. O livro possui ainda um lado bastante curioso: a autora parece querer nos fazer crer que o judaísmo e o islamismo são tradições teístas mais ricas que o cristianismo e, conseqüentemente, são religiões mais interessantes, mais profundas e até mais tolerantes que o cristianismo (o que é, no mínimo, um engano; o fundamentalismo, seja ele cristão, judeu ou islâmico, possui características comuns de fácil identificação e uma delas é a intolerância fanática ao pensamento que difere do seu). É inevitável que encaremos esta postura com uma certa suspeita. Lê-se nas entrelinhas do livro de Karen

Armstrong um certo rancor contra o cristianismo, talvez uma conseqüência dos sete anos (1962-69) vividos como freira católica romana, um tempo do qual a autora demonstra não ter saudades. Não é à toa que Armstrong tenha sido agraciada com a membresia honorária da Associação Muçulmana de Ciências Sociais e que lecionasse há vários anos no Leo Baeck College, uma escola de ensino superior dedicada à formação de rabinos.

O texto é agradável, às vezes vibrante, e percebe-se que Armstrong está apaixonada pelo tema que aborda. Fica claro que a autora conhece bem as tradições que investiga, domina os principais aspectos da teologia cristã, e utiliza abundantemente (às vezes sem demonstrar senso crítico) os métodos e os resultados obtidos pela chamada alta crítica, pela *Religionsgeschichte* de Ernst Troeltsch, pela *Dogmengeschichte* de Adolph von Harnack e por outras tradições teológicas liberais.

Eu recomendo a leitura deste livro a todos os acadêmicos que estão interessados na história da teologia, na teologia contemporânea e nas diatribes referentes à doutrina de Deus, salientando apenas aos leitores que procurem fazer uma leitura mais crítica da obra do que aquela que a própria obra evidencia ter a autora feito das obras de seus inspiradores – Hegel, Troeltsch, von Harnack e Mircea Eliade, entre outros. O livro é curioso e nos leva a profundas reflexões sobre as tradições religiosas ocidentais, a religiosidade humana e a rebeldia do ser humano contra Deus (Rm 1.18-23). Não se deve, no entanto, procurar nesta obra uma visão cristã e bíblica do ser de Deus. Armstrong não esconde de ninguém a sua posição eclética e inclusivista, nem considera inquestionáveis os dogmas fundamentais da fé cristã (como a Trindade ou a natureza dual de Cristo). Concluo esta resenha parabenizando a editora pela excelente qualidade da edição, com uma boa tradução, uma encadernação de primeira, bem como uma ótima coleção de mapas, índices e apêndices. Trata-se, sem dúvida, de uma grande contribuição para as escolas de teologia e de ciências da religião.

— Ricardo Quadros Gouvêa